

A ELUCIDAÇÃO DO TRABALHO COLABORATIVO NA EAD A PARTIR DA TÉCNICA DE GRUPOS OPERATIVOS

THE ELUCIDATION OF COLLABORATIVE WORK IN EDUCATION EAD FROM OPERATIONAL GROUP
TECHNIQUE

SILVA, Marcos Peterson Ferreira¹
CESARIO, Priscila Menarin²

Resumo:

Os trabalhos colaborativos, atualmente, estão conduzindo problemas pedagógicos em direções promissoras. Nesse contexto, há uma importância ao se refletir sobre o grupo, uma vez que seus integrantes poderão dialogar, debater e colaborar. Dessa forma, ao atuar como colaboradores na Educação a Distância, alunos e professores experimentam novos caminhos, criando um ambiente de ensino em que ambos podem aprender. Por isso o objetivo do presente artigo é analisar as contribuições do trabalho colaborativo na EaD, para alunos e professores, a partir da teoria e da metodologia dos grupos operativos proposto por Pichon-Rivière, psiquiatra argentino que trouxe grande contribuição a várias áreas, inclusive a pedagógica. O trabalho colaborativo a partir da teoria e metodologia dos grupos operativos de Pichon-Rivière centra-se na aprendizagem e na transformação do indivíduo e do grupo como um todo, lidando com a dialética dos processos humanos e grupos, refletindo sobre os conflitos e caminhando a novos rumos. Quanto à abordagem, terá um caráter qualitativo, considerando o universo dos significados, motivos, aspirações etc. O resultado dessa escolha aponta indícios de que o trabalho colaborativo contribui para a interação virtual de alunos e professores.

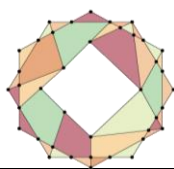
Palavras-chave: Trabalho em grupo. Educação a distância. Colaboração. Técnica de grupos operativos.

Abstract:

Today, collaborative work is leading pedagogical problems in promising directions. In this context, there is a question of reflecting on the group, since its members can dialogue, debate and collaborate. Thus, when acting as colleagues in distance education, students and teachers experiment new ways, creating a teaching environment at both levels of learning. For this reason, the objective of the present article is to analyze the contributions of collaborative work in EAD, for students and teachers, based on the theory and methodology of the operative groups proposed by Pichon-Rivière, an Argentine psychiatrist who gave great importance to several areas, including pedagogical. The justification for the work centered on the learning and transformation of the individual and the group as a whole, dealing with a dialectic of human processes and groups, reflecting on conflicts and moving towards new directions. As for the approach, it will have a qualitative character, considering the universe of meanings, motives, aspirations etc. The result of this choice points to evidence that collaborative work contributes to the virtual interaction of students and teachers.

¹ Professor de Língua Portuguesa e Redação do Ensino Fundamental II e Médio no Colégio São Miguel Arcanjo, São Paulo (SP). Mestrando em Língua Portuguesa na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). peterson.ferrer@gmail.com

² Professora do curso de Especialização em Educação e Tecnologias da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Doutoranda pela mesma universidade. primenarim@gmail.com



Keywords: *Group work. Distance education. Collaboration. Operating group technique.*

Introdução

A escola e a universidade são espaços que existe a necessidade de desenvolver o pensamento, logo, existe também o desenvolvimento de interação social. Nessa interação, é imprescindível garantir um clima de confiança e respeito, para que todos possam se expressar com tranquilidade. Sendo assim, é necessário haver harmonia no processo de comunicação entre educandos e educadores, permitindo que a oportunidade de interação e de confrontação de ideias enriqueça o aprendizado (VASCONCELOS, 2002).

Pensando nisso, novos arranjos organizacionais e relações colaboradoras estão sendo vistos de novas formas, conduzindo problemas pedagógicos em direções promissoras.

Como exemplo, tem-se o professor do ensino presencial, tradicionalmente vertical, detentor do saber, que tem evoluído para um modelo mais horizontal, tornando-se parceiro, encaminhando o educando e orientando-o diante das múltiplas possibilidades e formas de se alcançar o conhecimento e de se relacionar com ele, permitindo que se transforme num ser ativo. O mesmo acontece com professores da Educação a Distância (EaD) que gravam videoaulas em cursos EaD com a simples tarefa de proferir o conteúdo apenas. Estes também estão mudando seu posicionamento diante da importância da tarefa em equipe.

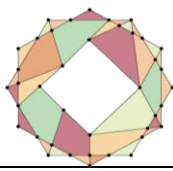
Segundo Palloff & Platt (2002), o trabalho colaborativo auxilia em muito o desenvolvimento da aprendizagem de um grupo, pois quando os alunos trabalham em conjunto tendem a produzir um conhecimento mais profundo e deixam de ser independentes para se tornarem interdependentes.

No entanto, para tal evolução, precisam conhecer e fazer uso das diversas ferramentas e recursos oferecidos pelas Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), assim poderão entender como se organizar a partir das novas metodologias e dinâmicas de grupo. Por outro lado, o professor também necessita estar interado sobre o universo da EaD, lançando mão de estratégias em que o cerne do aprendizado esteja em atividades colaborativas, uma vez que é nesse momento que os alunos podem trocar informações, conversar, sentir, expor seus problemas, resolver seus conflitos a partir do que o outro afirma.

Mas como os participantes do grupo podem estabelecer vínculos?

O vínculo é uma estrutura internalizada que possibilita ao sujeito construir uma forma de interpretar a realidade própria de cada um. Ao conviver com os outros, ele se constitui por meio de uma história vincular que vai se tecendo nessa relação. A partir dessa interação, os integrantes entendem como se relacionar com os outros (GAYOTTO, 1992).

Nesse grupo operativo formado, o objetivo principal é a mudança, que envolve todo um processo gradativo, no qual os integrantes do grupo passam a assumir diferentes papéis e posições frente à tarefa grupal. O momento da pré-tarefa é caracterizado pelas resistências dos integrantes do grupo ao contato com os outros e consigo mesmo, na medida em que o novo, o grupo, gera ansiedade e medo, medo de perder o próprio referencial, de se deparar com algo que possa surpreender e por sua vez suspender suas velhas e cômodas certezas acerca de si e do mundo. A partir do momento em que é possível elaborar as ansiedades básicas, romper com as estereotípias, abrir-se para o novo e o desconhecido, pode-se dizer que o grupo está na tarefa. (RIVIÈRE, 1998).



Dessa forma, não basta que o professor proponha tarefas virtuais em que cada aluno faça a sua parte e outro fique incumbido de juntá-las. É necessário que os participantes interajam de alguma forma, por meio de fórum, *chat*, videoconferências etc. Eles precisam problematizar as dificuldades que emergem no momento da realização dos seus objetos, de acordo com o seu papel na tarefa, passando a operar um projeto de mudanças.

Sendo assim, a partir do que foi exposto, torna-se claro o objetivo do pesquisa, que é analisar as contribuições do trabalho colaborativo na EaD, para estudantes e professores, a partir da teoria e da metodologia dos grupos operativos, proposto por Pichon-Rivière, podendo colaborar para a mudança não apenas individual de cada um, mas no comportamento do aluno e do professor. Para isso, considera-se o processo de ensino-aprendizagem, o contexto da educação a distância em 2018, explanação da aprendizagem em grupo dentro do contexto da EaD, além do conceito de grupos operativos aliado à tecnologia em sala de aula.

Quanto às hipóteses, uma delas é que a divisão da atividade em grupo, tendo como base a teoria do grupo operativo, fará com que os alunos possam entender o ponto de vista de cada integrante ao expor suas individualidades e dificuldades. A outra é que essas atividades colaborativas podem contribuir tanto para a Psicologia da Educação quanto para o universo da Educação a Distância.

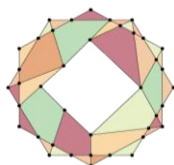
Como justificativa, tal pesquisa pretende que seus integrantes aprendam a pensar em uma coparticipação do objetivo de conhecimento, entendendo-se que pensamento e conhecimento não são fatos individuais, mas produções sociais. Sendo assim, além de estabelecer vínculos virtuais, a finalidade também é centrar-se na aprendizagem e na transformação do indivíduo e do grupo como um todo, lidando com a dialética dos processos humanos e grupais, com resistências à mudança, buscando algo diferente, novo.

Este estudo constitui uma revisão bibliográfica de caráter analítico a respeito dos trabalhos colaborativos na Educação a Distância. Inicialmente, a busca de artigos científicos que se adequassem aos critérios de inclusão se deu no Google Acadêmico com os descritores “trabalho em grupo” e “Ensino a Distância”. Posteriormente, utilizou-se os conteúdos de livros para o embasamento teórico.

Após a seleção dos textos, houve a leitura exploratória; leitura seletiva e escolha do material que se adequa aos objetivos e temas deste estudo; leitura analítica e análise dos textos, finalizando a realização de leitura interpretativa e redação da pesquisa.

A partir das pesquisas, foi possível aliar a tecnologia a experimentações, pensando não somente em jogos, cujo cerne da atividade é a aprendizagem, mas também refletir sobre redes sociais, whatsapp, entre outros aplicativos disponíveis no dia a dia que contribuem para o exercício colaborativo, em que cada sujeito, mesmo que de modo digital, possa exercer seu papel e operar de acordo com o outro, transformando, dessa forma, a si e ao grupo.

No entanto, antes do objetivo da pesquisa em si, há tópicos que merecem ser explanados como forma de contextualização. Em um primeiro momento, há um breve relato sobre como está o cenário da educação a distância no século XXI, mais precisamente no fim desta década. Pensando nessa questão, há o próximo tópico relacionado ao desenvolvimento das aulas, como aliar a tecnologia às novas práticas pedagógicas. Posteriormente, é apresentada a importância do trabalho em grupo no ensino a distância, para que, assim, o leitor possa relacionar o assunto com a técnica de grupos operativos, de Pichon-Rivière, que é explicado em seguida.



Como considerações finais, há um parecer de forma a provocar uma reflexão acerca do tema abordado.

Novo cenário da educação a distância no século XXI

O processo de adaptação à nova forma de ensino e aprendizagem ainda está ocorrendo. O que é perceptível, no entanto, é que todos estão inundados pela “infotoxicação”, ou seja, intoxicados de tanta informação. (SILVA, 2013)

Tanto nas instituições de ensino superior como nas instituições de educação básica cada vez mais são recebidos diferentes tipos de alunos que vão de nativos digitais, que já dominam boa parte das tecnologias digitais, a alunos que estão em busca de conhecimento básico sobre novas tecnologias digitais. Dessa forma, em uma sala de aula do final da década, encontram-se subgrupos heterogêneos e com objetivos e desejos distintos.

Assim, por mais que os todos pensem nas individualidades, vivem em rede compartilhando, conversando, debatendo e com senso de coletividade. E não é nada diferente em uma sala de aula virtual. Nela também há grupos diferenciados, com idades distintas e com necessidades cognitivas particularizadas.

Pensando nisso, de acordo com Silva (2013), é indiscutível que salas de aulas presenciais serão cada vez mais virtualizadas, por isso os educadores precisam se reciclar continuamente para entender essa realidade tecnológica que atravessamos.

Ao entender todo esse processo, será possível aplicar as possibilidades virtuais em qualquer modalidade de aprendizagem que objetive à construção do conhecimento, ou seja, tanto no ambiente de aprendizagem virtual como nas salas de aulas presenciais.

Á-bê-cê em um mundo conectado

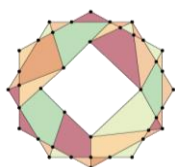
Além da capacitação do professor, há que se considerar a realidade das escolas brasileiras. De acordo com Moran (2017), a maioria ainda está distante de modelos inovadores, presa a currículos disciplinares, privilegiando somente o conhecimento intelectual, o conteúdo, a avaliação escrita. Como, então, pode-se ensinar de forma inovadora mesmo em escolas convencionais? Como realizar uma aprendizagem significativa em grupo usando um ambiente virtual? E como é possível preparar uma aula envolvendo currículo, metodologia, avaliação? Qual seria o ponto de partida?

É necessário que os professores promovam mudanças significativas nas suas práticas pedagógicas, no relacionamento com os alunos, nas metodologias, nas provas e no envolvimento com as tecnologias digitais.

Os educadores podem desenvolver práticas muito mais estimulantes para envolver os educandos, torná-los muito mais participativos, trabalhando colaborativamente em duplas, trios, grupos.

Com isso, mesmo no modelo de disciplinas, é possível passar daquela mesma aula igual para todos a aulas com várias atividades propostas, com integração entre tempos de conhecimento prévio (aula invertida) e tempos de aprofundamento diferenciado em sala.

O professor não será mais babá, dando tudo “mastigado”, resumido em tópicos de PowerPoint, ao contrário, ele irá propor exercícios mais problematizadores, fazer perguntas mais relevantes, com um objetivo essencial: que os educandos se tornem pesquisadores.



Aprendizagem em grupo em educação a distância

Nesta modalidade, o aluno não pode ser passivo, ou seja, não pode apenas assistir, ler e acessar o ambiente. É necessário mais que isso, é preciso que haja interação com o objeto de estudo e com o grupo, seja lendo os materiais, interagindo com as ferramentas disponibilizadas, contribuindo com os colegas, tutores e professores, resolvendo desafios, publicando suas produções etc. É tudo isso que marca sua presença na Educação a Distância.

Diante disso, o aluno precisa aprender, antes de tudo, o que é ser aluno virtual. Isso implica em comprometer-se, organizar-se, ter iniciativa, autonomia e disciplina. Só a partir daí é que poderá estabelecer vínculo com os outros para conseguir alcançar um objetivo.

Por outro lado, há o papel fundamental do docente na modalidade a distância. Aretio (2002) define uma série de estratégias que devem ser consideradas pelos docentes para que possa atingir melhores resultados de aprendizagem. Entre elas estão: incentivar o trabalho colaborativo em grupos de aprendizagem, não ignorando a potencialidade de ensino de trabalhos e discussões em grupos, sejam elas virtuais ou presenciais; respeitar a diversidade do grupo, lembrando que a atenção pedagógica não diminui a pessoa nem por sua idade, nem pelo nível de seus conhecimentos ou dificuldades de estudo. Os erros cometidos por crianças ou adultos refletem em sua autoestima, sendo assim, é fundamental um tratamento cordial e próximo, com muito respeito pelas dificuldades e ritmos de aprendizagem de cada um.

Ainda no dia a dia, o professor deve realizar atividades dirigidas de estudo, pesquisa, leituras, fóruns, *chats*, sempre interagindo com os alunos pensando em diversas formas para que eles também interajam entre si.

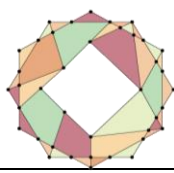
De acordo com Koshino (2011), diversas metodologias de desenho instrucional de EaD têm adotado a aprendizagem colaborativa como pressuposto de favorecimento da efetividade de aprendizagem.

Castro e Ferreira (2006) identificaram três gerações de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) que influenciaram a abordagem pedagógica da EaD.

A primeira delas, com material impresso, disquetes ou CD-ROM, não propiciava uma alta interatividade, eram utilizados apenas para compreensão do conteúdo. A segunda geração, com recursos como simulações, tecnologias de multimídia, hipertexto e hipermídia, tinha uma interatividade maior. A partir dessa geração o aluno passa a escolher e adequar as atividades e a navegar no conteúdo que deseja. Por fim, na terceira geração, conhecida como colaborativa, o educando possui enorme facilidade para interagir por meio de ferramentas colaborativas. É nessa fase que o desenho instrucional passa a ser centrado na equipe.

Sendo assim, os grupos de discussão, construção cooperativa de conhecimento são facilitados pelo ambiente. O conhecimento é compartilhado por meio de colaboração dos indivíduos em forma de grupos. Nesse instante, a resolução de problemas é discutida de forma criativa, sendo considerada ideal quando o objetivo da aprendizagem não é só a mudança individual, mas a transformação no comportamento do grupo ou da cultura organizacional.

Para Moore (1993), os grupos formados virtualmente oferecem oportunidade de atividades orientadas para o desenvolvimento de habilidades de análise, síntese e crítica do conhecimento, assim como teste e avaliação. Para Braun (2008), a aprendizagem colaborativa é relevante, porém, pesquisas sobre os efeitos de aprendizagem em grupo em EaD ainda são escassas.



Rivière e a técnica de grupos operativos

Enrique Pichon-Rivière (1907 a 1977) nasceu na Suíça e criou-se na Argentina. Formou-se psiquiatra, participou ativamente como intelectual de vanguarda dos movimentos culturais da época, desenvolvendo, entre outros estudos, a incorporação dos conceitos da psiquiatria dinâmica com a psicanálise.

Rivière começou a trabalhar com grupos na medida em que observava a influência do grupo familiar em seus pacientes. Sua prática estava relacionada à psicanálise e psicologia social, sendo ele o fundador tanto da Escola Psicanalítica Argentina (1940) como do Instituto Argentino de Estudos Sociais (1953). Ao observar a aprendizagem centrada nos processos grupais, ele coloca em evidência a possibilidade de uma nova elaboração de conhecimento, de integração e de questionamentos acerca de si e dos outros. A aprendizagem é um processo contínuo em que comunicação e interação são indissociáveis, visto que se aprende-se a partir da relação com os outros. (BASTOS, 2010)

Assim, de acordo com Bastos (2010), a técnica do grupo operativo nada mais é do que um trabalho com grupos, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem para os sujeitos envolvidos. Ao aprender em grupo, adquire-se uma leitura crítica da realidade, uma postura investigadora, uma imersão a um mundo de inquietações.

Gayotto (1992) afirma que a psicologia social estuda o sujeito contextualizado, para promover um processo de aprendizagem aos sujeitos envolvidos, por meio de suas interações, no interjogo entre a vida psíquica e a estrutura social. Para se constituir como sujeito, o indivíduo precisa satisfazer as suas necessidades, entrar em contato com o outro, vincular-se a este e interagir com o mundo externo. Desse processo de relações nasce o sujeito, alguém predominantemente social, inserido numa cultura, numa trama complexa, por meio da qual internalizará vínculos e relações sociais que vão constituir seu psiquismo.

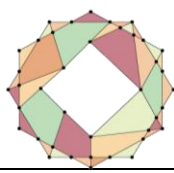
Ao fazer parte de um grupo, há também a reciprocidade, que nas interações possibilita a partilha de significados, de conhecimentos e de valores, constituindo, dessa forma, no contexto social e cultural dos diferentes grupos. Por meio do partilhar de significados das diferentes interações é que se estrutura o social e o cultural. Nesse contexto que o indivíduo interage, construindo-se socialmente. Aliás, ao mesmo tempo que se constrói, ele também participa atividade da construção social (WALLON, 1968).

Para Pichon-Rivière (1998), o grupo apresenta-se como instrumento de transformação da realidade. Todos os integrantes do grupo passam a estabelecer relações grupais que vão se constituindo, na medida em que começam a partilhar objetivos comuns, a ter uma participação criativa e crítica e a poder perceber como interagem e se vinculam.

Na técnica do grupo operativo há uma tarefa explícita (aprendizagem, diagnóstico), uma tarefa implícita (modo como cada integrante vivencia o grupo) e o enquadre, que são os elementos fixos (tempo, duração, frequência, função do coordenador e observador). Para Rivière (1998), esse processo grupal se caracteriza por uma dialética, uma vez que é permeado por contradições, sendo que sua tarefa principal é justamente analisar essas contradições.

Para representar o movimento de estruturação, desestruturação e reestruturação, Rivière (1998) utiliza o cone invertido, que nada mais é do que um instrumento que visualiza uma representação gráfica em que estão incluídos seis vetores de análise articulados entre si, possibilitando verificar os efeitos da mudança.

Sobre os vetores de análise do cone invertido, Visca (1987, p. 39) oferece alguns esclarecimentos.



Em poucas palavras, a *pertença* consiste na sensação de sentir-se parte, a *cooperação* consiste nas ações com o outro e a *pertinência* na eficácia com que se realizam as ações. Por outro lado, a *comunicação* pode ser caracterizada como o processo de intercâmbio de informação, que pode ser entendido desde o ponto de vista da teoria da comunicação ou a partir da teoria psicanalítica, etc.; a *aprendizagem*, como a apreensão instrumental da realidade e a *telé* – palavra de origem grega, tomada de Moreno –, como a distância afetiva (positiva-negativa).

Como a mudança é o principal objetivo do grupo operativo, tudo envolve um processo gradativo, no qual os integrantes passam a assumir diferentes papéis e posições frente à tarefa grupal. (BASTOS, 2010)

Com relação a esses papéis, pode-se dizer que alguns são fixos, como o papel do coordenador e do observador, porém, há outros que emergem no decorrer do processo, articulando-se com as necessidades e expectativas tanto individuais quanto grupais, podendo alternar-se. O porta-voz é o integrante que explicita o que está implícito, colaborando com a tarefa. O bode-expiatório aparece quando explicita algo que não tem aceito pelo grupo. Já o líder surge no momento em que o que foi explicitado pelo porta-voz é aceito pelo grupo, contribuindo para o movimento dialético grupal (GAYOTTO, 1992).

Nesses grupos há um espaço de escuta, em que o coordenador indaga, pontua, problematiza as falas para dar oportunidade para seus integrantes pensarem, falarem de si e poderem elaborar melhor suas próprias questões.

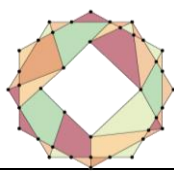
Pensando nisso, pode-se dizer que os grupos operativos possuem um caráter terapêutico, uma vez que, a partir da elaboração de conflitos, há também a transformação de modos de posicionamento frente ao próprio sofrimento, possibilitando *insights* e transformações significativas.

Por que adotar o trabalho em grupo?

Os indivíduos estão em uma cultura educacional paradoxal. O ensino é pensado para a massa, mas se cobra dos alunos respostas individuais. A expectativa dos professores é de que os retornos a serem dados pelos alunos às situações de ensino-aprendizagem sejam realizados individualmente. Porém, infelizmente, uma cultura educacional que privilegie processos coletivos ainda não é uma realidade.

Ao estimular comportamentos mais individualistas e competitivos, os professores não tendem a incitar a produção de conhecimento em conjunto. Mas isso pode mudar com o uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação no processo educacional, visto que apresenta um diferencial: novos ambientes de aprendizagem, novas ferramentas para disponibilizar materiais, novos dispositivos para pesquisa etc. Tudo isso, aliado a um planejamento didático-pedagógico adequado, pode propiciar aos alunos condições de serem mais participativos e colaborativos na construção do conhecimento deles e do próprio grupo.

Nesse momento também é possível incluir a técnica operativa do grupo, com o objetivo de aprendizagem, que tem como finalidade que seus integrantes aprendam a pensar em uma coparticipação do objetivo de conhecimento, entendendo-se que pensamento e conhecimento não são fatos individuais, mas produções sociais. Sendo assim, além de estabelecer vínculos virtuais, tal pesquisa se justifica por centrar-se na aprendizagem e na transformação do indivíduo e do grupo como um todo, lidando com a dialética dos processos humanos e grupais, com resistências à mudança, rumo ao novo.



Cada membro, nesses grupos, é responsável pelo desenvolvimento de todo o grupo, e não apenas pelo seu próprio. Isso foi denominado por Kerckhove (1999) de inteligências em conexão, pois apresenta as atividades individuais como contribuições para a superação de desafios e de problemas comuns ao grupo, algo parecido com a técnica dos grupos operativos. Entretanto, esse processo colaborativo não dilui os participantes em um “coletivo de iguais” (KENSKI, 2003) nem objetiva alcançar o nível máximo de aprendizagem igual para todos.

Ao contrário, baseando-se nos princípios da inteligência coletiva encaminhados por Lévy, na comunidade colaborativa “cada um é um centro”, ou seja, não existe um chefe, professor ou detentor do saber, mas uma circularidade de informações e trocas visando ao alcance de objetivos que podem ser de todo o grupo ou apenas de um número restrito de pessoas ou até mesmo de uma única pessoa. As contribuições que circulam nessas comunidades expressam o somatório das individualidades, percepções e racionalidades e contribuem para a constituição rizomática dos saberes, em permanente transformação (p.113.)

Pensando nisso, a técnica do grupos operativos pode ser aplicada em diversas áreas.

Para SILVA et al (2006, p. 143)

As práticas de educação em saúde têm sido utilizadas pelos enfermeiros, principalmente na atenção básica, como alternativa para as práticas assistenciais e educativas e vários estudos apontam a sua importância no processo de trabalho de enfermagem, uma vez que articulam várias dimensões do cuidado.

O espaço no grupo operativo favorece a intervenção no processo de saúde doença. Dessa forma, o enfermeiro realiza o trabalho preventivo, contribuindo positivamente para a prevenção dos agravos das doenças. Ainda durante a realização dos grupos e transformação de atitudes, este pode promover e possibilitar conhecimentos e habilidades para que os componentes da equipe lidem com os problemas de saúde.

Outro caminho, ainda em construção, está relacionado à assistência a pessoas idosas. Como é fundamental o envelhecimento ativo e saudável, há necessidade de mudar o paradigma educacional para uma construção coletiva de saúde, algo que contemple o pensar, o sentir e o fazer, dando a oportunidade de cada idoso ter uma atitude mais flexível e ativa frente à realidade.

Nesse contexto, é possível pensar num grupo operativo em que idosos possam evocar lembranças, compartilhando-as, provocando, assim, o desenvolvimento da autonomia e a construção coletiva de saúde mental. Dessa forma, haverá uma integração entre conhecimento científico e vivencial sobre o envelhecimento.

Metodologia

Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter analítico. Para o levantamento bibliográfico, optou-se pela busca de artigos nacionais e internacionais, livros e sites.

Para realizar a pesquisa no Google Acadêmico foram utilizados os seguintes descritores: “trabalho em grupo”, “Ensino a Distância”, além de “técnica de grupos operativos” e “colaboração”.



A análise foi realizada à luz da teoria dos grupos operativos de Pichon-Rivière, principalmente, entre outros autores. Há um tópico sobre essa teoria, mencionando também como essa técnica se aplica a grupos de outras áreas.

Por fim, há, como resultado, sugestões de como a teoria e prática estão aliadas à experimentação.

Experimentações

Atividades em grupo são inerentes à proposta de ensino-aprendizagem colaborativa. Porém, para estimular essa forma de trabalho nos cursos EaD, Harasim (2005) sugere que “em vez de fazer os alunos dividirem o tema, o instrutor deve encorajar a interação em vários estágios, mesmo que algumas tarefas sejam realizadas individualmente” (HARASIM et al., 2005, p.283).

Dessa forma, cabe a técnica do grupo operativo de Pichon (1998). A participação crescente dos membros e a interação entre eles irão gerar informações cada vez mais completas sobre os integrantes do grupo: suas preferências, interesses, pontos de vista, ou seja, haverá o perfil de seus pensamentos, sentimentos e ações. Durante todo o processo, os alunos alternarão os papéis a partir da resolução de questões da atividade e posicionamentos individuais diante dos conflitos que emergirem do grupo, tentando, dessa forma, superar as dificuldades e transformar o grupo.

Pensando dessa forma, até parece fácil, mas quais materiais utilizar?

Uma das formas mais eficientes de aprendizagem desde sempre se dá por meio de histórias contadas (narrativas) e histórias em ação (vivas e compartilhadas).

Para criar, contar e compartilhar histórias, atualmente, é possível realizar isso a partir de qualquer dispositivo móvel.

Para essas gerações acostumadas com jogos dos mais variados, a linguagem de desafios, recompensas, competição e cooperação é atraente e fácil de perceber. Há jogos colaborativos e individuais, de competição e colaboração, de estratégias, com habilidades bem definidas, o que tornam-se cada vez mais presentes nas diversas áreas de conhecimento e níveis de ensino.

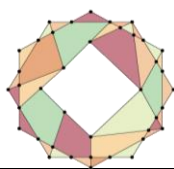
Sendo assim, não só apenas nesses jogos, mas em outras plataformas, é importante utilizar narrativas, histórias, simulações, imersões em contos de fantasia.

Há um programa muito utilizado atualmente chamado Scratch. Este foi desenvolvido com o objetivo de incentivar a programação de forma intuitiva, por meio de montagem de blocos de comando. Ele ainda permite a busca de soluções de problemas mediante a criação de jogos, animações e também histórias interativas (Bressan & Amaral, 2015). Dessa forma, além de aprender a programar, há outras competências assimiladas, como saber, pesquisar, avaliar, comunicar-se, fazer sínteses, compartilhar on-line.

Em uma escola pública de Nova York, os livros foram substituídos por games e jogos de tabuleiro. Os alunos aprendem jogando, desenvolvendo desafios e criando novos jogos colaborativamente.

Isso não quer dizer que é necessário fazer o mesmo, substituindo os livros, mas pode-se adaptar algumas formas de trabalho, procurando por diferentes tipos de jogos e formas de utilizá-los a partir das experiências de professores na educação básica. Como um grande aliado para isso, tem-se o Portal do Professor.

Como forma de avaliação, existem também outras possibilidades, sempre pensando no trabalho em grupo, aliado à teoria dos grupos operativos de Pichon.



Ao formar o grupo e discutir sobre determinado tema, os alunos podem mostrar na prática o que aprenderam com produções criativas, socialmente relevantes, que explicitem a evolução e o percurso realizado. É importante, nesse momento, que o professor avalie dê um *feedback* frequente aos estudantes, acompanhando inteiramente seu progresso, tanto individual quanto coletivo.

Uma dimensão relevante também é avaliar criticamente como os indivíduos se relacionam com as mídias digitais, com o audiovisual, redes sociais, entre outros. Por isso, é interessante mostrar aos educandos que a conversa olho no olho, refletir a partir do que o outro diz, enxergar com maior profundidade a si e o sujeito são aspectos importantes para a transformação.

Outro recurso a ser utilizado, pensando no coletivo e na teoria dos grupos operativos, é o trabalho aliado às redes sociais. Elas são importantes para conhecer os interesses e expectativas, para criar vínculos afetivos, empatia, aproximação emocional, o que facilita a comunicação e aproxima professores e alunos, e também os assuntos que serão tratados em aula. Para utilizar esses espaços, basta motivá-los a aprender disponibilizando materiais interessantes (vídeos, charges, pequenos textos, apresentações), pedindo que os estudantes também compartilhem suas descobertas e contribuam com os assuntos que estão sendo tratados.

É por meio das redes sociais que há a promoção de discussões sobre temas polêmicos, incentivando a todos a se manifestar. Mesmo os mais tímidos podem participar de forma ativa nesses espaços digitais. Pensando na teoria dos grupos operativos, esse educando pode se sair melhor num espaço digital, às vezes melhor do que numa discussão presencial, podendo ser líder, porta-voz ou um papel que lhe couber melhor no momento em discussão.

As redes também são interessantes para que os estudantes aprendam juntos, se ajudem mutuamente, percebam que podem trazer contribuições significativas. O professor, ao mesmo tempo, pode orientá-los de forma rápida e fácil.

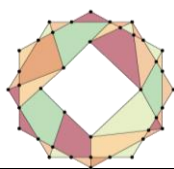
Considerações finais

No fim desta década do século XXI, assumir as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) como possibilidade didática implica, para o professor, reorientar a prática docente. Para o aluno, nada mais é do que uma mudança cultural na relação com a aprendizagem.

E essa mudança ocorrerá a partir do momento em que todos entenderem que no aprender “não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não há homem isolado” (FREIRE, 1977, p. 66).

Por isso tal pesquisa foi concebido à luz da teoria dos grupos operativos de Pichon-Rivière, uma vez que seu pensamento contém um posicionamento político-ideológico na medida em que concebe o ser humano como sujeito imerso numa realidade concreta, que pode transformá-la a partir de uma adaptação ativa, que envolve ação e criação. Esse conceito de adaptação não está relacionado à ideia de passividade do indivíduo, mas de ação humana orientada para a aprendizagem, para a mudança e para a transformação dessa mesma realidade, e é nesse sentido que o grupo irá instrumentalizar seus integrantes.

Não pode haver transformação sem diálogo, sem interação, sem a troca, sem a palavra do outro construindo sentidos junto à minha, seja na mesma direção, seja em sentidos contraditórios, em um movimento permanente, dialético e em espiral.



Portanto, há que se trabalhar na docência em EaD as questões referentes a trabalhos em grupo. Tal tema pode não ser totalmente inovador, mas na prática planejamentos não são realizados considerando essa questão, muitos menos atividades práticas que contemplem esse trabalho em grupo, de forma colaborativa, aliado à tecnologia digital.

Frente a esse cenário, entende-se que o presente artigo apresenta contribuições inovadoras de novas práticas com trabalhos em grupos no contexto dos cursos on-line, considerando o papel de cada indivíduo no grupo em que faz parte para que, assim, haja uma evolução tanto do grupo quanto do sujeito diante das dificuldades e conflitos.

Além disso, tal trabalho com a técnica de grupos operativos pode auxiliar professores, psicólogos e psicopedagogos no sentido de (re)pensar o papel da aprendizagem numa nova ótica, a importância da coordenação e da atuação em grupos em direção à promoção de saúde.

Referências

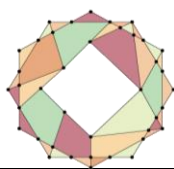
ARETIO, L. G. **La educación a distancia: de la teoría a la práctica**. Barcelona: Ariel Educación, 2002.

BASTOS, A. B. B. I. **A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon**. Scielo, out. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010> Acesso em: 07 ago. 2018.

BRAUN, N. **The effect of student interaction on group performance in asynchronous learning environments**. Tese de doutorado. University of Minnesota: Minnesota, 2008.

BRESSAN, M. & AMARAL, M. **Avaliando a contribuição do Scratch para a aprendizagem pela solução de problemas e o desenvolvimento do pensamento criativo**. *Revista Intersaberes*, vol.10, n.21, p. 509-526, set.-dez. 2015.

CASTRO, M. N. M., FERREIRA, L. D. V. TD&E a distância: múltiplas mídias e clientelas. In: Jairo E. Borges-Andrade; Gardênia da Silva Abbad; Luciana Mourão. (Org.). **Treinamento, Desenvolvimento e Educação em Organizações e Trabalho**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, p.322-339, 2006. 12



FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Tradução por Rosiska Darcy de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GAYOTTO, M. L. **Conceitos básicos que facilitam a compreensão do início de um grupo**. Artigo referente ao curso de especialização em Coordenação de grupos operativos do Instituto Pichon-Rivière. [S.l.: s.n.], 1992.

HARASIM, L. et al. **Redes de Aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on-line**. Tradução de Ibraíma Dafonte Tavares. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

KENSKI, V. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KERCKHOVE, D. **Inteligencias en conexión: hacia una sociedad de la web**. Tradução por TsEdi, Teleservicios Editoriales. Barcelona: Editorial Gedisa, 1999.

KOSHINO, P. **Aprendizagem em grupo em educação a distância**. Abed, 2011. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2011/cd/65.pdf>> Acesso em: 07 ago 2018.

MOORE, M. G. On a theory of independent study. In: STEWART, D. KEEGAN, D. & HOLMBERG, B. (Orgs.), **Distance education: International perspectives**, Londres: Routledge, p. 68-94, 1988.

MORAN, J. Como transformar nossas escolas: novas formas de ensinar a alunos sempre conectados. In: CARVALHO, M. (Org). **Educação 3.0: Novas perspectivas para o Ensino**. Porto Alegre, Sinepe/RS/Unisinos, 2017.

PALLOFF, Rena M. & PRATT, Keith. **Construindo comunidades de aprendizagem no ciberespaço**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **O processo grupal**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SILVA, LILIAM. **Novo Cenário da Educação a Distância no século XXI**. Educação a Distância, 10/2013. Disponível em: <<http://www.educacao-a-distancia.com/novo-cenario-da-educacao-a-distancia-no-seculo-xxi/>> Acesso em: 05 ago. 2018.

SILVA, M. A.; OLIVEIRA, A. G. B.; MANDÚ, E. N. T; MARCON, S. R. **Enfermeiro & grupos em PSF: possibilidade para participação social**. Cogitare Enferm. V. 11, n. 2, p. 43-9, 2006. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br>> Acesso em: 07 ago 2018.

VISCA, J. **Clínica psicopedagógica: epistemologia convergente**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. 13

WALLON, H. **A Evolução Psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.